

As Crianças, a Guerra e os Meios de Comunicação

Sara Pereira

Instituto de Estudos da Criança

Universidade do Minho

Maio de 2003

No mundo de hoje, pais, professores e outros agentes educativos enfrentam mais um desafio, ou melhor, dois desafios: explicar às crianças a guerra, a violência e o terrorismo e ajudá-las também a construir a paz.

As informações que nos chegam do Iraque não dizem respeito a conflitos e a situações do passado, que os livros e os manuais escolares documentam e representam; dizem respeito a acontecimentos registados no momento e que nos entram pela casa dentro via televisão, rádio, jornais, Internet...

Perante as imagens dilacerantes da guerra veiculadas pelos meios de comunicação, todos aqueles que lidam de perto com crianças e jovens expressam algumas preocupações e algumas dúvidas: devem as crianças assistir aos horrores da guerra? Não será a guerra uma experiência traumatizante para os mais novos? Não devemos nós, adultos, evitar expô-las a estes terríveis acontecimentos? Devemos, ou, não, abordar o problema com elas? E de que forma?

Julgo que relativamente a esta última questão – falar ou não sobre a guerra às crianças – estaremos praticamente todos de acordo: é importante não esconder das crianças a realidade, ainda que essa realidade possa ser dura e cruel. Retirá-las do problema é retirá-las do mundo em que vivem. Sem alarmismos nem exageros, é importante que não deixemos passar despercebida a situação, sobretudo quando são as próprias crianças que nos interpelam sobre o assunto. Se o fizermos, devemos estar conscientes de que estamos a correr riscos: negar a situação como mecanismo de defesa, pode produzir uma perda da consciência da humanidade. Ora, se pretendemos formar cidadãos informados e críticos, se procuramos diariamente educar para o exercício de uma cidadania activa e consciente, não podemos, nem devemos, escamotear a realidade e a informação sobre a mesma.

Ainda que difícil, a abordagem ao problema da guerra é de uma importância extrema porque dá aos adultos a oportunidade de ajudarem as crianças a sentirem-se seguras, e a conhecerem e compreenderem melhor o mundo em que vivem.

De acordo com a Academia Americana de Pediatria, os pais e os professores não se devem preocupar se as crianças jogam, falam ou desenharam sobre a guerra pois é através dessas várias formas de expressão que as crianças elaboram os conflitos que as preocupam e angustiam.

Para a abordagem deste e de outros problemas, importa ter presente, antes do mais, que as crianças, assim como os adultos, não são todas iguais, vivem em circunstâncias específicas, têm histórias de desenvolvimento pessoal e social também específicas e, por isso mesmo, não vivem as mesmas experiências do mesmo modo. Não há pois efeitos directos, generalistas e automáticos pelo facto de se presenciarem imagens violentas. É necessário atender a um conjunto de factores como sejam a idade, o nível de desenvolvimento e de maturidade cognitiva, as circunstâncias de vida das crianças, a sua realidade social e familiar, etc.

Assim, por exemplo, as crianças que passam, hoje em dia, muito tempo entregues a si próprias e com poucas oportunidades de interagirem com adultos, de lhes colocar as suas dúvidas, as suas preocupações e ansiedades, estarão, com certeza, mais vulneráveis do que aquelas que dispõem de apoio, de orientação, de mediação.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas no panorama mediático mundial fizeram com que cada um de nós fosse testemunha quase presencial dos acontecimentos da guerra no Iraque. Estas mudanças incluem:

- canais televisivos e de serviços de Internet que informam 24 horas por dia;
- democratização dos videofones e redução do custo do satélite permitindo a multiplicação dos directos e o acompanhamento permanente e constante dos acontecimentos;
- maior acessibilidade de meios para envio de imagens multiplicando-se assim os olhares e interpretações possíveis do conflito e uma cobertura visual constante, detalhada e repetitiva dos conflitos e dos actos violentos;
- aumento das reportagens que mostram detalhes dos cenários da guerra.

Na sociedade actual, a panóplia de meios de comunicação que está ao nosso alcance permite que a informação esteja à distância de um simples 'clic'. E é por vezes esta mesma informação, ou a forma como é transmitida, que gera angústia e provoca medos, em crianças e adultos.

De facto, na nossa vida quotidiana o contacto com os meios de comunicação é constante. Não podemos também negar esta situação, devemos antes considerar a possibilidade de aproveitar

criativamente a informação veiculada pelos meios de comunicação social para abordar a matéria e contribuir, simultaneamente, para um consumo mediático inteligente e criterioso.

A partir das conclusões de um estudo que realizei sobre *A Televisão na Família*¹, tenho vindo a defender a importância da MEDIAÇÃO parental (e de outros ‘adultos significativos’ na vida das crianças) em relação às diversas experiências quotidianas dos mais novos, nomeadamente, em relação às suas experiências televisivas.

Na abordagem ao problema da guerra, este conceito é também fundamental.

Entendemos por mediação os processos através dos quais os pais, os professores, e outros ‘adultos significativos’, ajudam as crianças a filtrar, diluir, confrontar, atribuir significado e interpretar as informações provenientes de diferentes meios (de comunicação).

Adaptando este conceito à temática que estamos hoje aqui a debater, podemos dizer que na abordagem da guerra com as crianças podemos exercer três tipos de mediação:

- Mediação Restritiva: ocorre quando os adultos controlam as informações que as crianças recebem. Envolve a restrição, e principalmente a proibição, de abordagem do assunto, por se considerar que não tem interesse, por não se querer ouvir falar, e/ou por se querer proteger excessivamente as crianças (vistas aqui como seres muito vulneráveis e indefesos). Este tipo de mediação põe normalmente de lado qualquer explicação às crianças pelo tipo de práticas ou de atitudes adoptadas.

- Mediação Não-Focalizada: é o mesmo que mediação indirecta. É a mediação pelo exemplo, pela observação. Ocorre quando os adultos transmitem às crianças de forma casual, não deliberada, as suas opiniões e posições acerca do assunto.

- Mediação Avaliativa: ocorre quando os adultos se preocupam em explicar às crianças o assunto em questão. Procuram discutir com elas as informações que recebem e ajudam-nas a interpretar essas informações. Este tipo de mediação proporciona às crianças uma compreensão crítica do assunto.

¹ Cf. Pereira, S. (1999). *A Televisão na Família. Processos de Mediação com Crianças em Idade Pré-Escolar*. Braga: IEC – CESC.

A forma de mediação que tendemos a praticar é também reflexo da forma como concebemos a criança e como entendemos a infância.

Com base na vasta literatura sobre o assunto, pudemos identificar três formas de conceber a criança:

- concepção da criança como deficitária: as crianças são concebidas não por aquilo que elas já são capazes de pensar, entender, e fazer, mas por aquilo que serão capazes no futuro, desprovidas de capacidades e de competências específicas. Esta forma dos pais conceberem a infância e as crianças leva-os a adiar frequentemente explicações, a evitar comentários, a deixar as respostas às perguntas das crianças para “quando fores mais crescido” ou para “quando fores mais velho”. Os adultos que têm esta concepção de criança tendem a praticar formas restritivas de mediação. Procuram também evitar que as crianças tenham acesso à informação, pelo facto de a considerarem prejudicial para o seu desenvolvimento harmonioso, e por recearem que as crianças façam perguntas às quais não poderão, ou terão dificuldade, em responder devido – no entender deste adultos - à falta de capacidade de entendimento por parte das crianças, à sua inexperiência e credulidade.
- Concepção das crianças como seres indefesos, fortemente influenciáveis e vulneráveis, e que, por essa razão, têm como única e quase exclusiva preocupação, proteger as crianças dos conteúdos veiculados meios de comunicação, por serem susceptíveis de influir negativamente no seu processo de desenvolvimento e na formação da sua personalidade. A ideia prevalecte é que as crianças precisam de ser protegidas dos efeitos negativos que a informação possa exercer nelas, adoptando também formas restritivas de mediação que se orientam quase sempre no sentido da proibição.
- concepção das crianças como agentes activos dos processos sociais em que estão envolvidas, ‘actoras’ do seu próprio desenvolvimento, dotadas de determinadas competências, sujeitos de direitos, ainda que com características específicas. Os adultos que têm subjacente este modelo de criança, tendem a adoptar formas avaliativas de mediação, procuram sempre dar uma resposta satisfatória às solicitações das crianças, e não uma resposta para as calar ou para desviar a atenção. São os próprios adultos que, por vezes, desafiam as crianças a questionarem o que estão a ver, fazem-lhes perguntas, pedem-lhes a sua opinião sobre determinados assuntos, acreditam que as crianças, dentro dos seu nível de desenvolvimento e maturidade cognitiva, são capazes de processar a informação que recebem.

Analisando as três formas de mediação descritas atrás, defendo que a mediação avaliativa – e esta última concepção de crianças – são as que mais podem contribuir para a criança desenvolver uma consciência crítica de si própria, dos outros, e do mundo, não só do mais próximo mas também do mais distante.

Assim sendo, considero que é necessário criar na escola condições e oportunidades para falar com as crianças e com os jovens sobre a guerra; proporcionar-lhes oportunidades para expressarem – através do diálogo, de jogos, de histórias, da poesia, do desenho - as suas angústias e inquietações. Encorajar a verbalização das preocupações e dos medos das crianças. Não evitar as suas perguntas, e adequar as explicações e as respostas à idade e maturidade das crianças.

Como referi anteriormente, por vezes é a informação veiculada pelos meios de comunicação que suscita preocupações e medos. A espectacularização e a repetição das imagens podem também tornar banais os efeitos de uma guerra, vulgarizando a morte, o sofrimento, a privação e os riscos.

Enfrentamos pois uma importante oportunidade de, simultaneamente, educar para os media em contexto escolar uma vez que importa questionar os próprios meios de comunicação e desenvolver atitudes críticas em relação às notícias que divulgam, em vez de aceitá-las passivamente.

Atendendo à quantidade e diversidade de informações disponíveis, é importante que as crianças desenvolvam ferramentas cognitivas e afectivas que lhes permitam gerir, compreender e assimilar essas mesmas informações.

A guerra pode ser tratada de diversos modos, nas aulas das mais diversas disciplinas. As estratégias trabalho que vos trago partem dos próprios meios de comunicação, da cobertura que estes fazem deste tipo de conflitos. Afinal, é sobretudo através da mediação que os próprios meios de comunicação fazem da realidade que ficamos a par do que se passa no mundo. As informações que transmitem podem influenciar as nossas atitudes, comportamentos e ideias sobre os acontecimentos e sobre o mundo.

Podemos pois utilizar os meios de comunicação como auxiliares pedagógico - didáticos ou suporte de aprendizagem, tornando-os, ao mesmo tempo, objecto de estudo e ensinando os alunos a produzir os seus próprios meios de comunicação.

Pistas para falar com os alunos sobre a guerra com e através dos meios de comunicação

Pontos de partida

- Antes de iniciar qualquer diálogo, ou qualquer trabalho, é desejável indagar sobre o que as crianças sabem, o que sentem, e como explicam os acontecimentos e se sabem situar geograficamente o local do conflito. Pode também ser importante e útil saber qual tem sido o meio de comunicação preferido para acompanhar os acontecimentos;
- Considera-se fundamental, no mundo de hoje, levar a actualidade para a sala de aula: questionar os alunos sobre ‘o que se passa no mundo?’;
- É necessário criar condições para os alunos verem, ouvirem e lerem notícias sobre a guerra; discutir e analisar com eles essas notícias e. A idade, a maturidade, o seu nível de desenvolvimentos, as suas experiências de vida e a vulnerabilidade devem servir de guia para saber que notícias seleccionar para trabalhar com as crianças;
- Apoiar a ideia de que um debate televisivo, um documentário, uma notícia, podem ser meios importantes de introduzir a reflexão colectiva e individual;
- Ter presente que ao analisar as imagens que vêem e a informação que recebem as crianças podem aprender a diferenciar a realidade da ficção.

Objectivos Gerais

- Debater com as crianças as razões que levaram ao desencadear da guerra (neste caso específico, a guerra no Iraque). Procurar não diabolizar os países em conflito; se colocarmos uma

dualidade radical, formam-se novas gerações com uma visão polarizada, o que pode ser um incentivo para novas guerras;

- Explicar aos alunos que a guerra rompe com uma paz que geralmente se alcança através do diálogo e do acordo, e que a lógica da destruição que a guerra impõe atenta contra a nossa capacidade de nos relacionarmos através do pensamento e da palavra;

- Ajudar os alunos a compreenderem que se pode, e deve, eleger formas não violentas de reagir perante um conflito;

- Ajudar os alunos a desenvolver capacidades de negociação e de resolução de problemas que lhes permita considerar o conflito não como uma crise mas como uma ocasião de mudança criativa. Antes do mais, aprender a aplicar estas possibilidades aos conflitos que tomam parte das suas vidas quotidianas: conflitos com amigos, com a família e inclusive com os professores. Ajudá-los a reflectir acerca de como esta aproximação à resolução de problemas poderia aplicar-se aos conflitos vinculados a diferenças religiosas e étnicas, aos recursos, às fronteiras ou às diferentes ideologias políticas dentro de uma comunidade, num país ou no mundo inteiro.

- Debater formas de combater a guerra com os meios que têm à disposição, lutando pela solidariedade e pela justiça;

- Educar para a não-violência (o que não significa passividade, cobardia ou desistência de lutar pela justiça), construindo uma cultura da paz .

Estratégias

- Reunir um número alargado de diferentes jornais e revistas (com base naqueles que os alunos contactam mais regularmente) e procurar aí documentação sobre os países envolvidos no conflito: geografia, história, sistema político, nível de vida,... Analisar as diferentes abordagens que os diversos títulos de imprensa fazem do acontecimento.

- Desenvolver o sentido da contextualização dos acontecimentos através da sua localização num mapa. Com base nas notícias publicadas na imprensa escrita, colorir num mapa-mundi, com a divisão por países, as zonas objecto de referência.
- Analisar o espaço que as notícias sobre a guerra ocupam nos diversos meios de comunicação: é excessivo, é normal, é insuficiente.
- Analisar duas publicações de características idênticas (dois diários nacionais ou dois jornais locais), ou emissões do mesmo dia de jornais televisivos, e tirar conclusões nomeadamente quanto a aspectos como: matérias seleccionadas e/ou silenciadas relativamente ao assunto; notícias chamadas para a primeira página ou para a abertura dos jornais televisivos; quem são os protagonistas das notícias, identificar as fontes de informação, etc.
- Propor aos alunos adoptarem uma outra ‘identidade’ envolvida directa ou indirectamente no conflito: o Presidente Iraquiano, o Presidente Americano, militares dos dois países, civis (homens, mulheres e crianças), familiares dos militares enviados para o conflito, jornalistas, etc.
- Levar os alunos a compreenderem, através da análise comparativa de notícias, que a realidade veiculada pelos meios de comunicação e o mundo por eles representado resulta de um processo de construção, não sendo um mero espelho ou reflexo da vida real.
- Realizar um trabalho de perspectivação do conflito (com crianças mais crescidas): o que dizem os meios de comunicação social sobre as trajectórias do Iraque e dos EUA e os porquês dessas trajectórias.
- Elaborar um ficheiro de notícias sobre o assunto em questão. Dentro do tema escolhido, criar um leque de palavras-chave que possibilitem a organização interna do ficheiro e facilitem a sua consulta e utilização.
- Analisar a importância e o papel que as fotografias e as imagens audiovisuais assumem nos diferentes meios de comunicação. Interrogar a convicção de realidade e de objectividade normalmente ligada ao registo em imagem.

- Ainda em relação às imagens que aparecem nos meios de comunicação social, discutir se são muito violentas, inócuas ou equilibradas.

Atendendo à realidade da guerra no Iraque, levar os alunos a emitirem uma opinião fundamentada sobre o papel que os media deveriam assumir relativamente às imagens de guerra, ou seja, se devem mostrar tudo, mesmo as imagens mais violentas para que se saiba o que é verdadeiramente a guerra; se devem proceder a uma selecção, deixando eventualmente de lado aquelas que considerem não respeitar a dignidade humana.

- Construir um jornal de parede (comparativamente com o jornal escolar impresso, permite uma actualização quase permanente das notícias).

Ao terminar esta intervenção gostaria apenas de reafirmar a importância de falar da guerra às crianças educando-as para a não-violência, educando-as para uma cultura de paz.